

## HORÁCIO: POETA E CRÍTICO SOCIAL

Arlete José MOTA (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

### Resumo

*Horácio, o poeta do meio termo, legou aos leitores de todos os tempos, além de belas reflexões sobre a brevidade da vida, importantes conceitos sobre a elaboração poética e traços identificadores da sociedade romana a seu tempo. Em suas Sátiras, o poeta associa crítica social a sua filosofia de vida, apresentando um perfil claro do comportamento vigente. Partindo desses conceitos, o presente trabalho objetiva comentar a sátira nona do primeiro livro, onde se encontram elementos relacionados aos ideais do imperador.*

*Palavras-chave: sátira, sociedade, filosofia.*

### Abstract

*Horace, the poet of aurea mediocritas, left the readers of all times, beyond beautiful reflections about life's brevity, important concepts on the poetical elaborations and distinct traces of the roman society of his time. In his Satires, the poet associates social critic to his philosophy of life, presenting a clear profile the behavior of his time. Based on this concepts, the aim of this work is to comment the ninth satire of the first book, where one may find the elements related to the ideals of emperor Augustus.*

*Key words: satire, society, philosophy.*

Do clã primitivo, nômade, o homem pouco a pouco chegou a um tão alto grau de civilização que lhe permitiu reunir seres distintos em grupos sociais homogêneos. A convivência social – ou a “arte de viver” – passa então a ser um meio e não um fim. Para tal este mesmo homem começa a desenvolver um processo de burilamento interior, buscando assemelhar-se aos demais de seu grupo social e, enfim, de sua época.

As diferenças entre os seres, a intensidade de tal ou tal sentimento ficam como envoltas sob um véu, enfeitadas pelas regras morais e sociais de uma época. Levadas ao extremo, tornam-se verdadeiras farsas, representadas por seres hipócritas ou sem pudor.

Quando um indivíduo deixa transparecer um ou mais dos sentimentos exacerbados que jaziam adormecidos em seu interior, torna-se alvo das mais severas críticas; seu comportamento foge às regras sociais e morais pré-estabelecidas. A situação poderá evoluir de tal forma que ele passará a ser não um indivíduo, mas um protótipo do comportamento condenável. E cairá no ridículo.

O processo de observação do comportamento alheio, inerente ao ser humano, quando associado ao talento criador, transforma-se em arte, que perpetuará seres e costumes. Quanto mais profunda for a capacidade de observação de um indivíduo maior possibilidade terá ele de escolher a forma de expressar a sua insatisfação em relação ao comportamento de seus semelhantes. Poderá assim, num processo menos doloroso talvez, afastar-se, isolar-se de seu meio; poderá integrar-se e simplesmente repetir, imitar comportamentos, ou partirá para a crítica acirrada, moralizante muitas vezes.

Os poetas, seres um pouco mais sensíveis que o restante dos mortais, transformam os frutos da observação do mundo exterior – reunidos então aos seus próprios sentimentos – em palavras, que podem ser brandas ou mordazes, exultantes ou moralizantes. Felizes os que as tornam risíveis. O riso será então um meio através do qual conheceremos os seres e seus costumes, rindo talvez de nós mesmos, uma vez que somos seres falíveis, mas lamentando sempre o destino daquele que é o objeto do riso.

A sátira surge assim como este meio de conhecimento e escárnio do comportamento de um ser, de uma sociedade. Desta forma poderá revestir-se do papel de guardião dos costumes.

A sátira, hoje conceituada como atitude de espírito ou modalidade literária, presente em quase todos os gêneros, tem origem controversa.

Considerada entre os romanos como gênero literário específico, claramente diferenciado dos demais quanto à forma e quanto ao conteúdo, origina-se para uns de elementos teatrais extraídos da Comédia Nova grega, cuja temática parte do coletivo, explorado pela Comédia Antiga, para o particular, objetivando as preocupações e relacionamentos dos indivíduos entre si.

Do ponto de vista etimológico, a origem do termo sátira se relaciona ao composto *lanx satura* que, na língua culinária, designava a oferenda dedicada a Ceres, que consistia em um prato com frutos variados. O vocábulo era também utilizado para designar, na linguagem política, uma reunião de leis que se pretendia votar conjuntamente. O termo usado metaforicamente reflete exatamente a característica básica do gênero em suas origens: a diversidade temática e formal.

Quanto à tipologia, a sátira, partindo do ponto particular para o universal, pode ser assim caracterizada: sátira ética, sátira de costumes – nestes casos podendo ser didática, com conteúdo moralizante – e sátira social, em que a sociedade é vista através de amostragens de suas instituições e/ou dos indivíduos que a compõem. Tais definições são puramente didáticas, uma vez que todos estes elementos podem estar contidos em um mesmo texto. Há também a possibilidade de outras subdivisões, criadas a partir da análise da temática do texto.

Enquanto gênero literário formalmente definido na literatura latina, a sátira possui elementos da *satura* – gênero poético latino, desaparecido no século II a.C., caracterizado pela mistura de temas diversos, por diálogos, pela improvisação. A *satura* figura como uma das mais antigas formas de representação dramática em Roma.

A sátira propriamente dita é criação de Lucílio, mas terá em Juvenal e Horácio as suas duas principais vertentes. Duas formas de observar o homem em sociedade; duas formas de questionar hábitos e atitudes: Horácio sorri dos costumes execráveis de seus semelhantes; Juvenal deixa-se levar pela indignação.

Horácio (Quintus Horatius Flaccus, 65-8 a . C.), o “poeta do meio termo”, leva para Roma, assim como os demais *poetae novi*, a vitalidade da poesia alexandrina. É considerado o maior lírico latino: uniu a beleza do ritmo e dos temas à sabedoria, à filosofia da qual se torna um mestre. Viveu num dos momentos mais gloriosos do Império Romano, refletido de forma grandiosa na literatura: o chamado Século de Augusto.

A obra horaciana chega até os nossos dias com o mesmo vigor e atualidade. A filosofia, ainda hoje repleta de discípulos, aí está inserida, unida ao metro, ao ritmo, à preocupação formal.

Nas Sátiras (*Saturae* ou *Sermones*) - o primeiro livro publicado em 35 a .C. e o segundo em 30 a .C. – Horácio castiga os exageros de toda espécie, a falta de espírito e o mau gosto. O poeta é guiado pela razão e pelo senso do meio termo. Assim como nas *Epístolas*, esboça com grande mestria quadros dos costumes romanos em todas as classes sociais. Contempla as loucuras e vícios de seus contemporâneos. A temática é bastante variada; percorre o poeta todos os setores da vida cotidiana, num tom familiar e numa linguagem ilustrada pela filosofia. Tem Lucílio como modelo, mas torna a sátira mais bem humorada.

As Sátiras dividem-se em dois livros. O primeiro contém 10 sátiras e o segundo 8. Os tipos humanos tratados pelo poeta são marcantes. desfilam aos nossos olhos os filósofos de longas barbas, os escravos humildes, os libertos, os avaros, as cortesãs, os caçadores de testamento, os parasitas, os políticos, os negociantes.

O texto selecionado, a sátira nona do primeiro livro surpreende o leitor que julga “ver” o próprio poeta caminhando pelas movimentadas ruas da Roma Imperial e sua angústia ao se deparar com um importuno loquaz.

Considerada uma das mais divertidas do *corpus* das sátiras, a sátira escolhida é caracterizada pela movimentação quase cênica dos personagens. Estrutura-se com a inserção de diálogos no texto narrativo.

Assim se desenvolve o tema: caminhando pela Via Sacra, o poeta é abordado por um indivíduo do qual mal conhece o nome. Horácio demonstra a princípio certa frieza. O importuno, entretanto, o segue, deixando claro seu objetivo: quer fazer parte do Círculo de Mecenas. Para tanto exalta as suas qualidades como poeta e demonstra que pode utilizar de meios escusos para atingir seu desejo. O poeta defende a integridade de seu protetor e seus amigos: entre eles não há lugar para intrigas e invejas. O importuno não desiste e atormenta o poeta até o aparecimento de um adversário que o conduz ao tribunal.

Se o riso se faz naturalmente como, por exemplo, quando o poeta reconhece que deve aceitar a companhia do tagarela,

*Demitto auriculas, ut iniquae mentis asellus,  
cum grauis dorso subit onus.*

(“Abaixo as orelhas como um burro contrariado, quando recebe às costas uma carga mais pesada.” v. 20-21)

não podemos deixar de lado o elogio a Mecenas e às qualidades morais dos “eleitos” que o cercam.

Ainda quanto ao riso é marcante a presença de elementos parodísticos que transformam o poeta em herói épico. Não luta com monstros marinhos nem aniquila bravos guerreiros derramando seu sangue na terra nem é levado ao mundo das sombras. Seu *fatum* é suportar um tagarela (*garrulus*), que lança aos seus ouvidos a mais enfadonha –que se desculpe o coloquialismo - “conversa fiada”. Quantos já não se depararam com uma situação semelhante?

Como herói digno de figurar numa epopéia, seu destino já havia sido profetizado:

*...namque instat fatum mihi triste, Sabella  
quod puero cecinit diuina mota anus urna:  
“Hunc neque dira uenena nec hosticus auferet ensis  
“neque laterum dolor aut tussis nec tarda podagra:  
garrulus hunc quando consumet cumque: loquaces,  
“si sapiat, uitet simul atque adoleuerit aetas.”*

(“Persegue-me o triste destino que uma velha Sabina vaticinou a mim, quando eu era menino, agitando uma urna divinatória: ‘Não o levarão nem os sinistros sinistros venenos nem a espada inimiga nem a dor nos flancos ou a tosse nem nem a lenta gota: um dia um falador o destruirá; se for sábio, que evite os tagarelas logo que atingir a maioridade.” v. 29-34)

A sátira se caracteriza também por intensa dramaticidade; observa-se a movimentação, pode-se dizer cênica dos personagens. Como exemplo, nota-se a utilização de um recurso da comédia, o chamado cômico de gestos, no momento em que o poeta encontra um amigo que talvez o livrasse da embaraçosa situação:

.....*Vellere coepi  
et prensare manu lentissima brachia, nutans,  
distorquens oculos, ut me eriperet. Male salsus  
ridens dissimulare; meum iecur urere bilis.*

(“Comecei a cutucar e agarrar com a mão os seus braços insensíveis, fazendo sinal com a cabeça e piscando os olhos, para que me livrasse dele. Sem graça, rindo, ele disfarçava e a bilis queimava meu fígado.” v. 63-66)

É fácil se imaginar a expressão fisionômica do poeta!

O “poeta-herói” é finalmente libertado. Surge um adversário do importuno. Apolo o salva:

.....*Casu uenit obuius illi  
aduersarius et: “Quo tu, turpissime?” magna  
inclamat uoce, et: “Licet antestari?” Ego uero  
oppono auriculam; rapit in ius; clamor utrimque,  
undique concursus. Sic me seruauit Apollo.*

(“Por sorte, o adversário daquele vem ao meu encontro: ‘Para onde vais, ó grande patife?’ Eu, na verdade, apresentei a orelha. Ele o levou ao tribunal; clamor e ajuntamento de todos os lados. Assim Apolo me salvou”. v. 74-78)

Apolo, deus da poesia o liberta. O herói não se livra apenas de um importuno que atormenta com suas pretensões, se liberta de alguém que certamente personifica a inveja, a intriga, o desequilíbrio e a desarmonia na convivência em sociedade. Apesar do tom épico-burlesco da sátira, o poeta faz um elogio a Mecenas e aos novos ideais de Augusto presentes na simplicidade e honestidade dos que com ele conviviam

Horácio sabe fazer rir. Não traz o riso desprezencioso e dissociado de qualquer ideal. Ao contrário, associa o riso à reflexão.

A sátira nona apresenta elementos narrativos e uma surpreendente mobilidade quanto à classificação literária: há ação e movimento constante que a aproxima do gênero dramático. A presença indiscutível de um eu tangencia o lírico.

Finalmente, observa-se que, como ocorre nas demais sátiras consideradas narrativas, narrando situações do dia-a-dia, rindo de atitudes que entram em desacordo com o que se considera correto e justo para uma vida tranqüila, há sempre um eu em busca de equilíbrio e coerência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, William S. *Essays on roman satire*. New Jersey: Princeton University Press, 1982.
- BARTHES, Roland et alii. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- CÂNDIDO, Antonio et alii. *A personagem de ficção*. 5ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- COFFEY, Michael. *Roman satire*. London: Methuen, 1976.
- D’ONOFRIO, Salvatore. *Poema e narrativa: estruturas*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Veja, /s.d./.
- HORACE. *Satires*. Texte ét. et trad. par F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- KOTHE, Flávio. *Literatura e sistemas intersemióticos*. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1981.
- LINS, Ronaldo Lima et alii. *Gêneros e literariedade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

- MOTA, Arlete José. *Horácio – sátiras de cunho narrativo*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras –Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998. 135p. Tese de Doutorado em Língua e Literatura Latina. (Inédita).
- MUIR, Edwin. *A estrutura do romance*. Trad. de Maria da Glória Bordini. 2 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1975.
- RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.